

# REVISTA

# CATHARINENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL DESTINADA À DEFEZA DOS INTERESSES  
DO  
**ESTADO DE SANTA CATHARINA**

## REDACÇÃO

*Director — dr. Theophilo Nolasco d'Almeida*  
*Secretario — Nestor Passos*

### COLLABORADORES :

Conselheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcellino Bayma, 1.º Tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior, dr. Luiz Delfino dos Santos, dr. M. C. do Rego Barros, dr. Evaristo Nunes Pires, dr. Celso Bayma, Luiz Nunes Pires, 1.º tenente dr. Liberato Bittencourt, Rodolpho Goudel, C. Marques Leite.

✻ Abril de 1900 ✻

CAPITAL FEDERAL

**RUA DA CARIOCA 34—1.º andar**

TYPOGRAPHIA L. MIOTTO

13 BECCO DO FISCO 13  
RIO DE JANEIRO

## EXPEDIENTE

A REVISTA CATHARINENSE apparecerá uma vez por mez

As opiniões emittidas pelos colaboradores correm sob sua responsabilidade exclusiva.

Serão recebidas todas as commuicações de interesse publico, dependendo a publicação do juizo da redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Secretaria do CENTRO CATHARINENSE, rua da Carioca 34—1º andar.

## ASSIGNATURAS

Anno 8\$000  
Semestre 5\$000 Trimestre 3\$000

Numero avulso 1\$500

## ANNUNCIOS

Uma pagina, 10\$000—Meia pagina, 6\$000—1/4 de pagina, 4\$000.

Quando o annuncio tenha de ser publicado mais de uma vez, gozará de abatimento.

## PAGAMENTO ADIANTADO

## "Centro Catharinense"

(Sede; Rua da Carioca 34, 1º Andar)

### PRESIDENTE

José Ramos da Silva Junior.

### 1.º VICE-PRESIDENTE

João Corcoroca.

### 2.º VICE-PRESIDENTE

João Leopoldino Teixeira Bastos.

### 1.º SECRETARIO

Alferes-alumno Nestor Passos.

### 2.º SECRETARIO

Joel Augusto da Silva.

### 1.º ORADOR

dr. Celso Bayma.

### 2.º ORADOR

Luiz Nunes Pires.

### THESOUREIRO

Rodolpho Goudel.

### BIBLIOTHECARIO

Emilio da Silva Simas.

### COMISSÃO FISCAL

Octavio Melchiades, Manoel Ignacio Bricio Guillon e Jacob Bergmann.

### CAIXA BENEFICENTE

Manoel Luiz da Costa, Annibal Nunes Pires, Manoel Paulino de Aguiar e Tarquinio de Medeiros.

## Commissões Permanentes

### FLORIANOPOLIS

Durval Varella Alves, Francisco de Assis Costa, João Pedro de Oliveira Carvalho, Leonidas Branco, Adalberto Gil Ribas, João Grumiché, Amphiloquio Marques da Silva, Alfredo Juvenal da Silva e José Antonio de Souza Junior.

### TUBARÃO

Antonio Bibiano de Assumpção, José Martins Cabral, Gustavo Gonzaga e Francisco Gonçalves da Silva Barreiros.

## GRATOS

São do *Jornal de Uruguayana*, Estado do Rio Grande do Sul, as bon-dosas palavras, abaixo transcriptas, com que foi anunciado o nosso apparecimento.

«Do Rio, recebemos o primeiro numero da *Revista Catharinense*, publicação mensal destinada a defeza dos interesses do Estado de Santa Catharina.

E' uma linda revista, cuidadosamente editada em 16 paginas, e que conta com escolhido corpo de colaboradores, sobresahindo os srs. Con-selheiro Manoel da Silva Matra, General dr. Alexandre Bayma, dr. Luiz Delphinô e outros de' nomes já feitos em nosso mundo litterario.

Faz tambem parte da redacção o nosso antigo companheiro e illustrado amigo alferes alumno Nestor Passos.

Agradecendo a honrosa visita da importante *Revista*, fazemos votos para que uma brilhante existencia a celebre.»

\* \* \*

Assim se exprimiu, a nosso respeito, a *União*, da Laguna, Estado de Santa Catharina:

«Amigo nosso, obsequiosamente, nos fez chegar ás mãos um exemplar da *Revista Catharinense*, editada pela nobre associação «Centro Catharinense», na Capital Federal.

A *Revista Catharinense* cuja redacção e collaboração estão confiadas a escriptores de merito, è dedicada aos interesses do Estado de Santa Catharina e se publica uma vez por mez.

E' escusado salientar a utilidade da *Revista* bem como a excellencia da sua parte litteraria.

Com estas ligeiras phrases vão os nossos sincerissimos votos pela prosperidade do illustre collega.»

Captivos pela distincção com que nos trata a *União*, permitta nos o collega que lhe peçamos desculpas para o correio, pois o nosso serviço de expedição, dizemol-o sem medo de errar, è perfeito, e toda a imprensa catharinense foi contemplada na distribuição da *Revista*.

## O PORTO DE S. FRANCISCO DO SUL ARSENAES

VI

Procurando dar á materia o desenvolvimento que deve ter, julgo indispensavel, desde já dizer que o Porto de São Francisco, alem de outros requisitos, satisfaz mais a estas duas condições de preferencia, ultimamente exigidas. Primeira, difficuldade em demandal-o, o que não para o inimigo em operações com mettimento dos menos audaciosos, pois, por si só, constitue poderoso elemento de defesa, cercado de perigos. Segunda, o seu porto sendo quasi uma dóca, distante do mar alto, resguardado do tempo e dos desastrosos effeitos de um bombardeio, torna-se por esses dois motivos, precioso aos fins a que deve ser destinado.

Não carece dessas grandes obras d'arte que só podem preoccupar áquelles que o desconhecem, pois, só serão necessarias as indispensaveis, e esse melhoramento, qualquer outro

rico do mundo. E' a isto que se chama capitalisar.

O vicio, a corrupção, tambem pôdem influir para que nos illudamos ácerca do gráu de adiantamento e prosperidade de um povo, de um Estado, de uma cidade. São tambem, algumas vezes importantes cifras que pesam na concha da balança; mas para não despertar animosidades, que o digam aquelles que, como eu, percorreram importantes cidades, do Oriente e outras partes do mundo, particularizando Port-Said, qual a sua vida, o seu commercio, o seu progresso, emfim, si assim se pôde chamar o vicio e a degradação da moral?... Mas, para nossa felicidade, abominamos tudo isso, e os seus propagandistas têm encontrado seria resistencia ás suas detestaveis idéas.

O valor real é cousa difficil de reconhecer. O que se dá entre os homens, dá-se entre as Nações, os Estados, e até mesmo as cidades: Ha sempre quem o negue, como ha tambem quem o reconheça. Por isso Santa Catharina ha de surgir do esquecimento sem precisar transformar as secções telegraphicas dos nossos jornaes em cartazes de annuncios espalhafatosos; a sua riqueza é indisputavel, ella existe de facto, quer nas entranhas da terra, quer na fertilidade do seu sólo; possui, mais, além de tudo, o clima ameno, que a todos seduz, o que deu lugar a que os navegantes e historiadores a apellidassem «*Paraiso Brasileiro.*»

Cobiçado como é, uma vez beligerantes, não serão os seus portos esquecidos do adversario, particularmente o de S. Francisco.

Desconhecido como continua a ser, dos nossos officiaes, só teremos com isso a perder.

As suas cidades principaes, as suas colonias, devem tambem, ser guarneçadas, concorrendo-se com isso para sua maior prosperidade, distribuindo-se, irmamente, a força, a lei e a justiça. Que não pareçam simples contribuintes, é esta a má impressão que urge desfazer. Ha quem se surpreenda serem poucos os habitantes das nossas colonias que falam o portuguez, quando nascem e convivem n'um meio, aonde raros são os brasileiros e estes mesmos obrigados a fallar o allemão, para poderem viver...

A tropa substituida de quando em quando, seria a animação para o commercio e a familiarisação da nossa lingua.

T. N. D'ALMEIDA

## Transfiguração

(Continuação)

### VII

Oh! como te amo! E fallas, andorinha,  
Em buscar outros céos, outros paizes,  
Ir a taça de dias mais felizes  
Encher, longe da terra tua e minha.

Lá nas montanhas de alecrim fagueiro,  
Onde os melros, em maio, andam em bando;  
Onde, ao luar, escuta-se cantando  
O rouxinol em cima do loureiro:

Onde nos bosques canta a cotovia  
Sobré rosas, no resplendor da aurora,  
Aonde antigamente, como agora,  
Faz lembrar aos Roméus, que ahí vem o dia,

Vais ao Tejo beber-lhe as aguas d'oiro,  
Vais ao Lima, e depois ao Manzares:  
Podias ver paizes aos milhares,  
Se eu fosse um deus n'um fabuloso toiro.

Sobre o meu dorso, musculoso e forte  
Eu te levára além de praia em praia,  
Entre o Sol que se eleva, e o que desmaia  
Desde este a oeste, desde o sul ao norte.

Verias tudo.—A colossal grandeza,  
Que n'agua azul do Sêna luz e ondeia,  
Tames grandioso, e a quêrula sereia,  
Das aguas do Adriatico a princeza,

Eu caminhara a dentro pela terra,  
Até onde faustosamente assoma,  
A rainha do mundo, a eterna Roma,  
Que tudo quanto ha grande e bello encerra.

Patria das artes viu dentro em seus muros,  
Quanto o genio creador elôva, inventa ;  
Taça doiro, riquissima e opulenta,  
Que offerece á sêde d'arte os sóes mais puros

A ti que sabes, como um livro immenso,  
Que és tambem uma artista deslumbrante,  
Que nome hei-de lembrar-te neste instante,  
Que já não penses, como eu nelle penso ?!

A' Grecia, á Grecia, a mãe do amor omnimodo,  
Onde Aphrodite nasce, e Pan, e Homéro  
Lá tambem debes ir, eu lá te quero  
Deusa, com que não poude hombraear Hesiodo.

Além na eónea vaga, que divizava,  
Nesses vergeis esplendidos, serênos  
Onde andava Diana, e andava Venus,  
Nesse mar e vergeis tambem tu pizas.

Terra, de Sapho apaixonada, eu trouxe  
Outra Sapho a pizar-te o chão em flôres :  
Dos cimos do Helicon corram lieores,  
Que dão, para cantal a a vóz mais doce.

Pindaro altivo, surge, e acorda o plect o :  
Rapsódias immortaes renova Homero ;  
Venham todos ; Orpheo, Tityteu austero,  
Grecia pagan, teu luminoso espectro.

Sobre a briza do mar o olente bafo ;  
Trance a montanha a tunica azulada  
A c'roe o sol ; pois chega a minha amada,  
Melhor que Venus, e melhor que Sapho.

Pois que ella tem o mysterioso encanto  
Do pudor a velar-lhe o corpo humano,  
Que nos aitaes seus fôra Diana,  
Se fosse o nosso Olympo um céu mais santo.

Sobre alguns dos rochedos inclinados  
Nesse mar calmo, e azul, e transparente,  
Ha pedaço de marmore, que sente  
Ainda os pés dos deuses exilados.

Ha capitel, em que se enrola o acantho,  
Na columna de rosa alli partida,  
Que vendo vir a deusa foragida,  
Se ergueria do chão, bauhada em pranto:

E um capitel fazendo a outro acênos,  
Uma columna a outra dando o exemplo,  
Ergueriam de chofre, o antigo templo,  
E o altar sagrado então á casta Venus.

Tu te acharias na ara radiosa,  
Coroar-te-hiam de lyrios e verbena,  
Beijaria-te os pés a vaga helena,  
Rira-te o sol de um céu azul e rosa.

A' noute, por cumprir o antigo rito,  
Deuses verias vir de toda a parte,  
E levantar-se para festejar-te,  
O clamor das estrellas no infinito,

LUIZ DELFINO

(Continúa)

## A Agricultura em Santa Catharina

### II

*Aspecto geographico e climas.—Culturas antigas e culturas modernas.—Meios de desenvolver a agricultura catharinense — Exportação agricola do Estado.*

No primeiro estudo sobre este assumpto de tanta opportunidade, fizemos uma ligeira descripção do aspecto physico do Estado e dos seus climas, para bem salientarmos as razões da fertilidade espantosa das terras catharinenses e da sua reconhecida capacidade para tão differentes culturas.

E, na verdade, com tão bello systema de irrigação, com climas tão amenos e constantes, com terras tão fecundas, não se poderia esperar a esterilidade ou pobreza na producção.

Vimos depois, percorrendo a historia agricola, que Santa Catharina tem um passado memoravel e que os antigos governadores, apezar de constantemente preoccupados com as lutas externas da então colonia portugueza muito se esforçaram e muito conseguiram em prol da agricultura.

Esses antigos administradores comprehendiam melhor que os de hoje, que o futuro da terra catharinense está no cultivo dos campos, pois que, allí se acha talvez a pórção do territorio brasileiro mais apropriada ao desenvolvimento agricola.

Já salientámos as principaes culturas antigas, notando que todas deram resultados satisfactorios em epochas remotas.

Só nos ficaram d'esse passado prospero, o café e o fumo, que têm ultimamente tomado incremento notavel.

Quanto ao algodão, chá, anil, linho e baunilha, apenas nos resta a lembrança, a não ser uma ou outra plantação, cuja colheita fica com os proprietarios ou plantadores.

Passando agora ao estudo do que encontramos actualmente no Estado, podemos nos alegrar um pouco quanto ao cultivo de cereaes.

A nossa exportação d'estes productos para os mercados nacionaes e principalmente para o da Capital Federal, contribue muito para diminuir a vergonhosa importação do estrangeiro para os Estados incapazes de produzir o sufficiente para o consumo.

Notamos em Santa Catharina alguma animação no plantio de cereaes, principalmente no sul do Estado e com especialidade nos municipios da Laguna e do Tubarão, que exportam para differentes mercados.

Essa cultura é abundante na zona serrana, pois os fertilissimos valles dos rios *Pelotas*, *Canôas*, *Marombas e do Peixe*, garantem colheitas compensadoras.

E' para lastimar que estas não possam transpor os limites serranos por falta absoluta de meios econo-

micos de transporte, para mercados consumidores.

Vem a proposito lembrar as palavras eloquentes do inolvidavel Visconde de Taunay, proferidas na tribuna da Camara dos Deputados.

Referindo-se ao municipio de Lages, o mais importante de serra acima, disse o illustre orador :

« E' um municipio destinado ao maior desenvolvimento, sem exageração posso dizer que as melhores esperanças de Santa Catharina estão todas n'aquelle municipio, o qual só pede vias de comunicação para tomar invejavel incremento. »

Convem lembrar que a abundancia dos municipios serranos é na sua maior parte devida a uberidade do solo, pois que a população, *eminente* *mente activa*, como dizia E. Taunay, dedica-se com enthusiasmo e exclusivismo á industria pastoril. Para isso aproveitam os excellentes campos e as ricas *invernadas*, as mais bellas do sul do Brazil.

De passagem, podemos dizer que as extensas campinas lageanas alimentam para mais de 300.000 cabeças de gado vaccum, cavallar e lanigero. A producção annual é calculada em 60.000 cabeças.

A exportação eleva-se a 30.000, sendo em grande quantidade para o Rio Grande do Sul e em menor escala para o litoral e norte do Estado, para o Paranà e S. Paulo.

Quanto ao plantio, devemos dizer que no planalto serrano cultiva-se milho, feijão, alguma canna de asucar nos valles dos rios *Peixe* e *Canôas*, e, em pequena escala, trigo, centeio, cevada e chá. Nas *roças* de milho e feijão planta-se grande quantidade de aboboras para a criação e engorde do gado porcino, que é exportado

em pé para o Rio Grande do Sul e para o litoral.

As melhores culturas das terras são: milho, feijão, arroz, mandioca, canna de assucar, bananeiras, abacaxy, amendoim, sagú, além do café e do fumo dos quaes já fallámos.

Apenas se nota em algumas localidades plantações de algodão, de araruta e de amoreira, esta para a criação do bicho da seda.

Encontra-se a videira em todo o Estado, porém, sem resultados apreciáveis, devido á ignorancia completa de tal cultivo e á falta absoluta do minimo cuidado para tão preciosa quão delicada cultura. Apesar disso o fructo é excellente.

Uma das maiores riquezas de S. Catharina é, sem duvida, em arvores fructíferas. O Estado presta-se admiravelmente para a pomicultura.

E isso deve-se ainda á providencial divisão das terras catharinenses em duas partes distinctas pela serra do mar, formando meios adequados para as fructeiras dos climas frios.

O planalto serrano com o seu bellissimo clima sul-europeu, alimenta a macieira, a pereira, a nogueira, o pecegueiro, o marmeleiro, a videira, além de grande numero de fructas indigenas.

São extraordinariamente apreciadas as maçãs, as peras e os pecegos de Lages, fructos todos, incontestavelmente, de qualidade superior aos que importamos do estrangeiro.

Quem uma vez tiver saboreado uma pera de Lages, nunca mais poderá supportar o gosto detestavel dos arremedos de peras, que se vendem nas ruas do Rio de Janeiro.

E' para lastimar que não tenha tomado vulto o plantio da nogueira em

Lages, pois as nozes d'alli rivalisam com as melhores estrangeiras.

Nas terras maritimas, além da bananeira, da laranjeira, do marmeleiro, do abacateiro, que existem em grande quantidade, também se notam o cajueiro, a mangueira, a jabuticabeira, o jambeiro, a jaqueira, a goiabeira, a romeira, etc., etc.

Felizmente já se cuida em Santa Catharina do plantio da bananeira, e isto como consequencia dos resultados favoraveis da grande exportação para os mercados platinos, especialmente para Montevidéo.

Tratando das produções agricolas de Santa Catharina não nos devemos esquecer da cultura das plantas forrageiras, crimosamente desprezada em todo o paiz.

Para conhecermos de um só golpe de vista a nossa incuria n'este assumpto, basta nos lembrarmos que não produzimos a alimentação para o nosso cavallo, unico meio de transporte que possuímos no caso de uma guerra de fronteiras.

Ainda nos reçordamos das palavras do nosso illustre mestre neste assumpto, o benemerito Dr. Campos da Paz, que dizia:

«Talvez não haja paiz algum do Globo onde as plantas forrageiras se desenvolvam tão bem como o nosso, que as possui nativas em grande abundancia.»

Apezar disso continuamos a importar do estrangeiro forragens de qualidades inferiores.

Em Santa Catharina apenas se cultiva a alfafa, em pequena escala.

Nos campos lageanos, considerados como os melhores do sul do Brazil, e nas encostas das serras, existem riquissimas forragens, como, a *crissiúma*, o *carahasinho*, o *papuan*, o *carrapicho*, o *cambarásinho*, etc,

Quando tratarmos da industria pastoril em Santa Catharina nos occuparemos mais detalhadamente deste assumpto.

Aproveitamos a occasião para dizer alguma cousa sobre as madeiras de construcção e de marcenaria, tão abundantes no Estado e que ainda não têm a exportação que comportam.

A cidade de Itajahy é a maior exportadora de madeiras, devido naturalmente a facil conducção pelo leito do rio.

Se houvesse communicação facil dos municipios serranos para o littoral, bastaria a exportação do pinho para tornar riquissima aquella bella porção do Estado, pois, a nossa araucaria é alli abundante e de respeitavel desenvolvimento. Não tememos contestação, affirmando existir nos velhos pinheirões araucarias com mais de 60 metros de altura.

A madeira de lei é tão commum em serra acima que pouco valor tem.

Destacamos as seguintes, como as mais preciosas do Estado: *canela preta* (1<sup>a</sup> classe), *jacarandá rosa e roxo*, *araribá rosa*, *canela prego* (1<sup>a</sup> classe), *ipê*, *peroba rosa e amarella*, *araçá*, *canela sassafras*, *angico vermelho*, *cabriúna*, *cambui*, *olco pardo*, *cedro vermelho*, *louro*, *carvalho*, *massaranduba*, *pinho*, *cambará*, *camboatá*, *canema*, *canharana*, *guaçuira*, etc.

A exportação agricola e dos productos correlatos em Santa Catharina é variada, não apresentando, porém, grandes cifras.

Exporta em maior escala o café, a herva-matte, a banana, o abacaxy, para os mercados platinos, que tambem consomem a laranja e o sagú.

No exercicio de 1898 foram exportados pelo porto da Capital

304.977 cachos de bananas no valor de 114:331\$800 réis. Exporta milho, feijão, arroz, assucar e aguardente de canna, mellado, tapioca, farinha de mandioca e polvilho, amendoim, herva-matte, batatas, fructas e madeiras para os portos nacionaes.

Os municipios serranos exportam fumo e herva-matte, alem de grande numero dos productos oriundos da industria pastoril, sua principal fonte de riqueza.

Além d'esses artigos, a campanha do norte do Rio Grande do Sul consome a aguardente, a rapadura, e o assucar mascavo, provenientes dos pequenos engenhos das margens do rio do *Peixe* e do *Pelotas*.

A exportação catharinense tem augmentado annualmente e sentimos não possuir o resumo do exercicio de 1899, pelo que transcrevemos o de 1898, supprimindo os generos que não se relacionam com o assumpto que nos occupa a attenção.

Pelo quadro abaixo se vê que a farinha de mandioca, o polvilho, o assucar, a aguardente, o arroz e o feijão são generos que sahem por quasi todos os portos do Estado.

A herva matte é exportação do norte, principalmente de S. Francisco e Joinville.

O milho e o feijão são exportados pela Laguna, Tubarão e Capital.

Lastimamos não ter a mão o mappa da exportação dos municipios serranos, que nos daria um augmento consideravel para o fumo e a herva-matte.

Terminando, damos abaixo o mappa a que nos referimos, deixando para mais tarde o estudo dos meios de desenvolver a agricultura em Santa Catharina.

*Mapa dos generos exportados pelos portos catharinenses no anno de 1898*

| GENEROS                      | Capital      | Laguna    | Tijuca    | Itajahy   | Joinville | Tubarão   | S. Francisco |
|------------------------------|--------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|--------------|
| Aguardente . . . . .         | 133.580 l.   | . . . . . | 17.807    | 600.827   | 244.306   | . . . . . | 292.740      |
| Arroz pilado. . . . .        | 12.980 k.    | 35.300    | 85.320    | 211.560   | 12.000    | . . . . . | 509.660      |
| Assucar mascavo. . . . .     | 932.862      | 170.275   | 378.420   | 1.723.405 | . . . . . | 31.215    | . . . . .    |
| Bananas. . . . .             | 304.977 c.   | . . . . . | 62.000    | . . . . . | . . . . . | . . . . . | 19.512       |
| Café chumb. . . . .          | 346.329 k.   | . . . . . | . . . . . | 55.340    | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| Farinha de araruta . . . . . | 3.012 k.     | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| » de mandioca . . . . .      | 3.800.729 k. | 7.570.335 | 1.486.116 | 1.290.795 | . . . . . | 176.367   | 709.940      |
| » de milho. . . . .          | . . . . .    | 16.596    | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | 7.094        |
| Feijão. . . . .              | 643.983      | 1.365.164 | . . . . . | 137.492   | . . . . . | 533.986   | 13.850       |
| Fumo em corda . . . . .      | 1.800 k.     | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| » em folha. . . . .          | . . . . .    | . . . . . | . . . . . | 68.206    | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| Laranjas. . . . .            | 47.080 f.    | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| Madeiras . . . . .           | 75 d.        | . . . . . | 8.420     | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| Melado . . . . .             | 34.580       | . . . . . | . . . . . | 2.275     | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| Milho. . . . .               | 27.127 k.    | 572.982   | . . . . . | . . . . . | . . . . . | 134.795   | . . . . .    |
| Polvilho. . . . .            | 234.119 k.   | 135.980   | . . . . . | 92.635    | . . . . . | 8.380     | 50.597       |
| Tapioca. . . . .             | 73.494 k.    | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| Amendoim . . . . .           | . . . . .    | 23.327    | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| Taboas . . . . .             | . . . . .    | 3.876     | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| Charutos . . . . .           | . . . . .    | . . . . . | . . . . . | 5.485.300 | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |
| Herva-matte. . . . .         | . . . . .    | . . . . . | . . . . . | 11.889    | 214.255   | . . . . . | 3.863.792    |
| Ripas. . . . .               | . . . . .    | . . . . . | . . . . . | 236.000   | . . . . . | . . . . . | . . . . .    |

(Continúa)

# O nascer do sol, apreciado do Morro da Lagoa

(SANTA-CATHARINA)

Eram tres horas quando tomámos os cavallos ; a manhã estava de uma pureza extraordinaria, o ar de uma frescura agradável ; no céu nem uma nuvem se via e quanto a claridade, só a das estrellas, a scintillarem sobre um fundo negro, ligeiramente tirante a azul: Sirius caminhava para o Zenith, em quanto a grande constellação de Orion atirava-se precipite na direcção do Occidente.

Os animaes, fogósos, bufavam com a satisfação de terem passado uma boa noite e em cinco minutos venceram, na sua marcha rapida, a rua Formosa e enfiaram-se na de Sant'Anna

S. Luiz, Pedras Grandes, Carreiras foram egualmente attingidas ; um pouco mais e eis nos em frente ás Tres Pontes, que deixámos á esquerda, como minutos após deixámos a direita o Campo das Camarinhas. Está percorrida a planicie ; chegou agora a vez de subir ; enfim são quatro horas e achamo-nos no alto do Morro da Lagoa.

E' aqui que precisamos ficar ; apeio-nos ; a excursão não pode ser mais curta e nem podia fazer-se em melhores condições.

Uma hora para apreciar um quadro sem igual ! — quem não o faria ? Quem não despenderia mais que isso, para gozar a suprema ventura de imergir fundo seus olhos na contemplação de scenas, que não são comuns ? Porem que barra luminosa é aquella, que se divisa lá longe, em sentido horisontal ? São os primeiros albores do dia, que se revelam ; é o

primeiro osculo que o sol envia á terra, no hemispherio em que estamos, sorprehendendo nos seus segredos, seus mysterios.

Eis que lá se mostra uma outra mais ao alto e quasi parallelá ; é a luz que vence a distancia, pallida, aperolada, sem força para dominar a que desce das estrellas, mas é a luz do sol que, dentro em pouco, irradiará por toda a parte.

Saudemos o dia que desponta ! Que suba a luz bemdita, e a terra, no seu rodar vertiginoso, que gyre mais depressa ainda, si é possível, para que mais rapidamente possamos banhar nos em seus raios luminosos.

São quatro horas e um quarto ; agora é dia ; as ultimas estrellas somem-se no firmamento.

Mas como é admiravel esta transformação subita das scenas da natureza !

Ha pouco o negror da noite apenas quebrado pela luz mysteriosa das estrellas ; depois uma fita luminosa do oriente, dir-se-hia um traço de luz diamantina, que em breve se converte em facha.

Como foi ? Quem o sabe ?

• Não se tem ainda formado uma conjectura e já uma outra e mais outra e ainda outra se exhibem, e de repente, quando se as procura,—que é dellas ? nem vestigio se observa ; a luz está difundida, esparsa : mais alguns momentos e a paysagem destaca-se, esplendida, num relevo encantador.

Examinemol-a.

A nossos pés o declive da montanha, revestido de verde em todas as gradações, segundo a especie de cultura preferida : aquelle tracto de terra, que alli está, á laia de jardim, com seus arbustos alinhados, arruados, de cor verde-negro, é uma roça

de café; aquelle outro, tambem coberto de uma vegetação menos escura, porem mais baixa, é uma roça de mandioca; surge agora um trecho de capoeira com seu verde-pardo é o terreno em descanso; o verde claro, que vem em seguida, é uma roça de milho e aquellas moitas de verde em todos os matizes, que se estende alem, é uma roça de bananeiras: tudo isto a nossos pés, alem a matta com seu verde especial, vivo, alegre. Semeados aqui e alli os corpos brancos das habitações, dentre os quaes se destaca a igreja do logar, incrustados na montanha, com que forma um contraste encantador o desenvolvimento sinuoso do caminho côr de barro, que conduz a freguezia.

Lá em baixo, formando uma especie de bacia dupla, lindissima, a lagôa, vasto espelho de prata, quando chegámos, onde reflectiam-se as estrelas, agora de um azul avelludado nas partes não attingidas pela sombra, que lá está a projectar o morro do Retiro, a limital-a por todô o lado direito até a nossa frente; á esquerda as terras baixas do Rio Vermelho, e entre estas e aquelle a barra, que a põe em comunicação com o Oceano; — a lagôa, cujas margens são orladas pela fita creme das praias, onde as rêdes dos pescadores, estendidas em varaes, seccam ao ar, ao mesmo tempo que descansam dos trabalhos da noite

Que encanto, que poesia dá á paisagem aquella pequena ponte, que alli está, á esquerda, a ligar as terras da Lagôa ás do Rio Vermelho, justamente no ponto em que a massa d'agua se biparte.

Para alem do morro do Retiro, em direcção ao sul, por onde quer que a nossa vista possa estender-se, as praias da freguezia, alvissimas, com

suas dunas interessantes e a vegetação mesquinha, peculiar das proximidades do mar.

Em frente a nós, para a direita e para a esquerda, até onde nossos olhos alcançam, o Oceano, vasto, enorme, povoado de ilhotas risonhas; as ondas, não agitadas pelo vento, se embalam docemente, mollemente.

Esta a paisagem, cujo conjuncto não pode ser mais gracioso.

Pois bem, para coroa-la, colloca agora, leitor, ao fundo deste quadro o sol a emergir do seio das aguas, e dize-me depois si de bellezas taes é a natureza prodiga.

R. J.

1897.



## ELLE E ELLA

(A DOIS NOIVOS)

Hermes elle se chama: Ida é ella,  
Tão risonha, tão meiga, tão mimosa,  
Como a florinha agreste e perfumosa,  
Qual doce violeta ella é tão bella...

Elle, um bello rapaz que adora aquella  
Virgem tão pura, candida e bondosa,  
Essa esperança doce e deliciosa  
Que acalenta-lhe o ser, que doce o anela

O' como é bello vel-os tão unidos,  
Elle, com seu fallar tão delicado,  
Ella, com seus encantos seductôres;

Parecem-me dois entes reunidos  
Em um só ser perenne e apaixonado,  
Como dous anjos, soluçando amôres...

Mario Emilio

1-3 1900

O sr. dr. Liberato Bittencourt, uma das maiores esperanças da nossa terra, em amistosa carta ao nosso redactor-secretario, autorizou a *Revista Catharinense* a contar com a sua proveitosa e brilhante collaboração.

## Uma carta

Escreve-nos o respeitavel sr. dr. Evaristo Nunes Pires, nosso illustre collaborador :

« Acabo de ler, por especial obsequio de um distincto consocio do « Centro », o *Anuario* que no Desterro, hoje Florianopolis, ultimamente publicou o sr. F. Costa.

No humilde trabalho, em que ligeiramente esbocei a vida do meu venerando e douto avô — Feliciano Nunes Pires — apparece uma *nota* do redactor do *Anuario*, significando que esqueci-me de que aquelle illustre catharinense presidira a provincia do Rio-Grande do Sul, de 1836 a 38.

Labôra em engano, pelo menos, o sr. F. Costa. Em carta que apressei-me em dirigir-lhe, respondendo á que me escrevêra, accentuei, que só lhe enviava a *parte biographica* de um trabalho meu publicado em 1874, relativo áquelle varão: do que se deduz que *outra parte* tinha tal trabalho. Pois bem: esta contém a, para mim, professor de historia patria, parte mais importante; mesmo porque, havendo sido mal apreciado, injusta e malevolamente considerado o papel que o meu nunca assaz lembrado avô desempenhou na carreira politica, corri a restabelecer a verdade dos factos a elle referentes e aos mais personagens em geral (isto é, não individualmente) no periodo de Maio a Setembro de 1837—tempo em que presidia o Rio Grande do Sul, mostrando-se na altura que lhe confiára o governo do 1.º Regente do Acto Adicional e em tão calamitosa quadra como a que atravessava o Brazil, em geral e o Rio Grande do Sul especialmente.

Do meu tosco tentamen não envio á illustrada redacção um exemplar, porque apenas possúo o que guardo na minha modesta estante; zêlo-o— como devo— alem de mais, porque, na especie, foi o meu primeiro ensaio.

Digne-se ordenar ao seu etc.

2 de Março de 1900.»

## A posse

Foi revestida da maior solemnidade, a sessão de posse da nova directoria do « Centro Catharinense », realisada a 28 do passado.

A presença de grande numero de socios, alguns acompanhados das exmas. familias e a representação official da imprensa fluminense e de diversas associações similares da nossa — « Gremio Paraense » e « Centro Cearense » — e do « Club Brasileiro Commercial », todos com séde nesta capital, deram á reunião do « Centro Catharinense » a nota mais grata que possa ter sonhado a directoria extincta; e ao mesmo vieram affirmar as esperanças com que é recebida a actual direcção.

As saudações sinceras de que fomos alvo pela orientação impressa a nossa sociedade, calaram fundo no coração catharinense, como a maior recompensa ao mourejar de cada dia, nesta casa, cujo engrandecimento é, para muitos de nós, o maior desejo neste momento. Satisfizeram-nos como a consagração de quanto exforço tenhamos despendido no afan ininterrupto de congregar, fóra do nosso Estado, todos aquelles que a elle se acham vinculados por traço forte de affeição.

E' um dever inilludivel fazer publica essa tão grata impressão que perdurará indelevel.

Abstemo nos da publicação da acta, por terem-n'o feito, muito graciosamente, alguns dos nossos collegas da imprensa d' esta capital; entretanto não nos furtarem os a dar aos nossos patricios as palavras com que o nosso director dr. Theophilo Nolasco d'Almeida passou a administração ao actual presidente, o nosso velho mestre, sr. José Ramos da Silva Junior:

«A expontaneidade de todos os meus actos, fez com que, ha dois annos, tomasse a responsabilidade, que sobre mim pesou, até hoje, assumindo a presidência do «Centro Catharinense».

Nada tendo feito, um grande consolo, me resta neste momento: — Si não deixo saudades — mais não me atreveria a pedir — são tantas as que levo, que, me parece, nenhuma outra posso exigir; e... crivado de saudades e sempre vivas, deste pequeno grupo de conterraneos que, tão generosamente, matizaram das mais lindas côres os meus dias, até hoje, viverei.

Grandes sempre foram as minhas esperanças, acerca do «Centro», maiores serão ainda de hoje em diante; e... a esperança é como o arco-iris, após os dias tempestuosos. Nitidas são as cores do espectro, que nos apresenta, desapparecendo em alguns instantes. Começa a manifestar-se e ha de scintillar, chamando a attenção de todos os nossos conterraneos, como symbolo que é d' alliança, entre o Céu e a Terra, mesclando, finalmente, todos os matizes, restituindo-nos um symbolo branco de paz, que tenue como a neve, se ha de derramar sobre nossas cabeças!

E' esta a minha aspiração, sempre foi este o meu desejo; mas, para que tanto se possa obter, é necessário saber

sentir, para que experimentemos brilhar, dentro de nossa alma, acima de todas as paixões, luminosa centelha, que, ao menos, por alguns instantes, nos mostre, ainda que longe, sobre este firmamento, o Céu querido da nossa Terra.

Occulta, embora, pela vastidão do Oceano, o amor jamais a deixará esquecer. Que unisono seja ao menos uma vez no anno, o latejar de nossos corações, reforçado sonoramente pela saudade e no conjuncto, sobre este acanhado tecto, onde uma brisa de nossa Terra parece soprar, que se erga do olvido o nosso passado e a nossa meninice, puros e verdadeiros como os nossos primeiros sonhos; — são estês os meus desejos, eis o que mais almeja, no meio das expansões a minh' alma!

E' justa, é muito justa, a curiosidade dos catharinenses, hoje aqui presentes. E' justo, será eternamente justo este elevado sentimento, generoso e patriótico, quando ninguém ignora haver, n' esta capital, catharinenses que soffriam, sem marco, sem phanal, vagando incértos a mercê dos soffrimentos e das necessidades. Não é menos elevado este proceder, quando, é sabido, no dia de hoje, esta util associação, fundada ha tres annos, vai passar a uma nova directoria, que, ao lado do talento, traz a força, a experiência e a vontade, requisitos estes indispensaveis que, até aqui, faltavam ao seu Presidente, e que sobram ao seu sempre mestre e hoje successor.

Digno entre os mais dignos, illustre entre os mais illustres, catharinense entre os mais catharinenses: elle sempre antepoz ao coração de sua patria, o seu grande coração; a vida do seu talento; o fulgor da espada que maneja.... a penna que scintil-

la, que brilha, que offusca a luz de um dia que jámais se acaba, porque continuará, por ahí, além, conduzindo a luminosidade de uma das mais puras consciências, de uma das mais bellas convicções.

E' elle, meus snrs., quem nos traz no dia de hoje, para dentro deste recinto, que representa o nosso Estado em miniatura, a nossa Patria inteira! Sendo assim, a sua eleição era um direito, e o direito é sempre o direito: nasce ao primeiro balbuciar da criança com a intuição do meu e subsiste, sempre viçoso no coração o mais desilludido de todas as cousas da vida, do encanecido e honrado ancião. Denso como o peso de todo o passado, brilhante como o mais polido dos espelhos, inquieto como a mais copada floresta ao mais leve ciciar das brisas, unido como os pontos de uma recta: cala, offusca, agita-se, expande-se, como o azougue, ao menor choque, semelhante um exercito em campo, uma sã consciencia, pretendendo desdobrar-se aos milhões.

Snrs., eu me sinto acanhado neste meio, que, hoje como sempre, me offusca e offuscou. Falto de tudo, no meio de nomes tão venerandos, cercado de filhos tão illustres da nossa Terra; era impossivel o que de mim quizestes exigir e preciso era fazer cessar. Esmagado com todo este peso na minha consciencia, foi a imagem da Terra que, serena, com aquella pureza de quem exige um sacrificio, o que até hoje me apontou o caminho percorrido. E, a Patria é mesmo assim, e só ella, é capaz, no meio do crepitar lugubre de um incendio, no meio do bramir solemne das vagas, no meio do estallido cavernoso de um naufragio, no meio do fremito de uma batalha... fazer, de um indifferente, um abnegado, de um atheu

um cristão, de um covarde um heroe, de um trapo uma bandeira... a vida, um trophéo de glorias nunca mortas, porque o seu material é a nossa consciencia.»

---

## DESCRENÇA

---

Meu pobre coração que tanto amaste  
E que tanto soffreste no passado,  
Não me queiras tornar mais desgraçado,  
Com a nova paixão que despertaste!

Praza ao céos que esse amor te não agaste  
Mais do que foste out'ora atormentado...  
Melhor fóra não teres reparado  
No rosto angelical que me mostraste

De teu novo acordar só magoa espero  
Minh'alma nada tem que te conforte  
E por ver-te infeliz eu desespero!...

Coração! te lastimo assim a sorte  
Porque soffro tambem, porque te quero  
E porque n'esse amor baseas a morte!

Abril — 1960,

*Rogouzel*

---

Além dos volumes offerecidos pelo nosso patricio e consocio Sr. Jovita Eloy, já noticiados no nosso numero anterior, entraram, durante o mez de Março findo, mais 30 volumes para a bibliotheca do «Centro Catharinense».

Aos doadores srs. capitão-tenente Julio Alves de Brito, João Paulo Miranda de Carvalho, dr. Theophilo Nolasco d'Almeida, Carlos Marques Leite, Emilio Simas e Joel Silva, apresentamos, competentemente autorisados, os agradecimentos da directoria.

## D. DELMINDA SILVEIRA DE SOUZA

Nos, sempre apreciados, *Almanacks de Lembranças*, ha longos annos publicados em Lisboa e nos interessantes *Almanacks* dados a lume no Rio Grande do Sul, acham-se engastadas perolas poeticas da distincta catharinense D. Delminda Silveira de Souza, cuja familia, mui e honrosamente conhecida, conta em seu seio bellas intelligencias, que, mesmo na *poesia*, tem se muito alevantado. Dessa eminente poetisa — superior á qual, no lyrismo, nenhuma conheço, recebi, quando aqui passou algum tempo, um mimoso livro de elaborações suas, que, em manuscripto, dignou-se conceder que eu lograsse a ventura de apreciar.

Depois de deliciar-me, devolvi-lhe, respeitoso e agradecido em extremo, o precioso livro e, pouco depois, escrevi algumas tôscas linhas, significando a grata impressão que elle me deixára. A um intelligente catharinense dirigi taes linhas (que impressas foram no periodico *A Aspiração*, que os alumnos de annos adeantados do Collegio Militar fazem apparecer durante alguns mezes do anno lectivo) no intuito de serem ellas presentes á applaudida poetisa; visto como assim deu-me a entender o mesmo catharinense, que accentuou entreter, com ella, activa correspondencia. Não sei si o fez.

Essa exigua, mas sincera expressão de respeitoso apreço e de admiração que em poucas palavras gravei, ao orgam do *Centro Catharinense* apresento, tão somente como homenagem, embora humilde, ao pujante talento poetico da mui festejada catharinense.

«*Exma. Srva. D. Delminda Silveira de Souza.*

Devolvo-lhe o seu precioso livro. Não o fiz antes, por motivos, mais ou menos, plausiveis; não lh'o levo eu proprio, por achar-me doente.

Deixou-me o dito livro gratissima impressão. Seus mimosos versos accentuam-se, impondo sua leitura—repetida.

A nitidez dos sentimentos que exprimem, a nobreza dos pensamentos que externam, a exuberancia de expansões do mais puro e delicado lyrismo, a seductora naturalidade no traduzir a linguagem das “flores d'alma”, é dever confessar—sagram'n'a verdadeira poetisa!

Honra á patria brasileira!

Que dado á publicidade seja o seu formoso livro — gentil presente ás letras patrias — eis o sincero desejo de quem, respeitosamente e, com toda cordialidade, saudando-a é

De V. Exa.

attento criado e obrigado.»

EVARISTO NUNES PIRES.

Foram includidos como socios do «Centro Catharinense», no mez de Março findo, os srs. Candido Freire Junior, capitão Francisco de Salles Brazil, alferes Luiz Ladislau Nunes de Freitas, capitão-tenente Herculano Ancora da Luz, Arthur Alves Firmino, J. Nevares, Jovita Eloy, capitão dr. Tito Livio Lucio d'Oliveira Ramos, Tristão José Ramos, Carlos Vespasiano da Luz e João Pamphilo de Lima Ferreira.

## INDUSTRIA CATHARINENSE

## III

## DIRECTRIZ

Não é nossa e nem lhe pretendemos a prioridade, dissemos, a idéa de uma EXPOSIÇÃO CATHARINENSE. Rebuscando o archivo do «Centro», lá vimos a confirmação. Em principio de 1898, por deliberação da nossa sociedade, uma comissão de que fizeram parte os srs. tenente-coronel Elyseu Guilherme da Silva, dr. Theophilo Nolasco de Almeida e Virgílio Varzea, chegou a entender-se com o Governo Federal para que nos fosse cedido o local destinado á exposição catharinense, que se devia realizar por occasião das festas commemorativas do quarto centenario do Brazil.

Outras muitas tentativas, sem duvida, terão sido ensaiadas, sem resultado pratico immediato, é verdade, mas actuando todas, tambem é indubitavel, de fórma a tornar cada vez mais firme a convicção de semelhante necessidade. E a prova é que, apesar de todos os revezes, mal dissipadas as primeiras contrariedades, novos esforços se aprestam, novos luctadores sahem a campo, pela primeira vez — uns, refritos outros de anteriores derrotas. A importancia, e os resultados, são tão evidentes que ninguem se atreve a combater: os mais notaveis adversarios limitam-se a negar auxilio allegando a impraticabilidade, que pretendem demonstrada.

Ha necessidade de estudar semelhante argumento, pela importancia que se lhe attribue.

Necessariamente o surto de uma exposição depende essencialmente da convergencia de muitos esforços, sendo principaes os dos organisadores

e os dos expositores: são elles, reunidos, quem tudo faz. E' imprescindivel, portanto, inclinal-os a agir sin altaneamente.

Tem sido esse o criterio seguido até aqui? Com boas rasões respondemos pela negativa. Sempre um dos grupos tem tomado a si todo o serviço, sem prestar attenção ao outro, sem procurar fazel-o interessar-se, suppondo, talvez, atrahil-o quando tudo se ache prompto. E' erro, e erro tão notavel, que tem frustrado todas as tentativas até hoje.

Certo, só se interessará no exito de uma obra quem com o seu exforço, de alguma fórma, tenha para ella concorrido. A tendencia demolidora em que se debitem as sociedades modernas, concorre notavelmente para isso. A critica, ás mais das vezes improductiva, onde não é difficil encontrar sempre traços pronunciados d'um egoismo que mal se esconde, não olha conveniencias: a sua missão é destruir, e frequentemente consegue o, sem, entretanto, saber porque o faz.

Não é impunemente que se despreza a parte mais notavel, em numero: a sua irritação manifesta-se desde logo, pela indifferença, transformada pouco depois na mais desenfreada opposição.

O criterio mais elemental indica o caminho — procurar interessar na organização as duas forças mais capazes. E' ao desprezo, até agora tido por esse conselho, que se deve attribuir umas tantas cabeçadas em materia de exposições.

Enquanto os industriaes não se puzerem francamente ao lado dos iniciadores, o resultado será sempre negativo.

Qualquer cousa, portanto, a obter nesse sentido, terá de ser precedida do concurso das classes verdadeira-

mente productoras, tão ou mais interessadas do que quaesquer outras, em fazer com que o que é seu, os seus productos, o resultado do seu capital e dos seus esforços, transponha os estreitos limites das suas estreitas relações commerciaes. E' condição essencial, *sine qua non*.

## IV

## MEIOS PRATICOS

A par desse criterio tão elementar que nos ensina a necessidade de empenhar todos as forças uteis para o surto da EXPOSIÇÃO, a par d'elle, dizemos, e talvez mesmo depois de ben satisfeitas as suas principaes exigencias, — surgem as difficuldades pecuniarias, a que já nos referimos ligeiramente.

Apreciemo-las sem exagero. O custo de uma empreza tal como a que temos esboçado, supprido por um particular ou por uma simples associação, é, não vale nem convem esconder, pesadissimo; amputado, porém, pela cooperação de todos os interessados, torna-se relativamente insignificante. Os interessados, comprehende-se, são, além dos organisadores e industriaes, anteriormente citados, todos os que se possam preocupar com a expansão do trabalho catharinense, com o aproveitamento de tão consideraveis recursos, até hoje conservados na mais condemnavel inactividade: queremos dizer, governo e particulares, principalmente aquelle, cuja missão de dirigir as forças productoras encaminhando-as no sentido da utilidade pratica, collocou em primeiro plano.

Aos outros, entre os quaes os expositores, já se impõe, pelo simples concurso, um onus, para alguns bastante respeitavel.

E' a administração do Estado que compete, consequentemente, o maior auxilio. Concordamos, e com isso somos demasiado rasoaveis, que não seja bastante prospera a situação financeira para poder attender, isolada, a essa despeza extraordinaria: concordamos apenas por extrema tolerancia, pois, para nós, a verdadeira economia consiste em saber gastar, ainda mesmo com sacrificio. Mas, para evitar maiores delongas, demos de barato que seja muito rasoavel a objecção. Nessa hypothese mesma, a mais antipathica, occorre-nos ainda o meio pratico para não fracassar a exposição por falta de recursos pecuniarios: concorra o thesouro do Estado com uma parte e divida a outra pelas administrações municipaes, tendo em vista a capacidade de cada municipio para o encargo. Seria irracional outra divisão, especialmente a que libertasse os municipios não concurrentes, do tributo, porquanto muito difficilmente se poderia allegar com fundamento serio que a estes não attingiriam os beneficios resultantes. Ainda mesmo que a um delles ou alguns faltas sem productos de exposição, o que nos parece pouco verdadeiro, ainda mesmo que tal se dêsse, — não sabemos bem como se negaria que, antes de tudo, o augmento de rendas do Estado, não lhes fosse favoravel, pelo menos, no que respeita á viação, ás melhores condições de vida, ao augmento de probabilidades do seu progresso. E' uma verdade tão clara, que sentimos ter comprehendido a necessidade de dizel-a com tantas palavras.

Certamente, conhecida a viabilidade de tentativa tão util, não se deve duvidar que outros recursos accorrerão a reunir-se áquelles que, porventura, tenham sido, até então, obtidos.

Resta, apenas, encarar o assumpto pela sua ultima face, a oppor-tunidade.

G. S.

## CENTENARIO DO BRAZIL

«A impressão do livro de Virgilio Varzea que o “Centro Catharinense” publicará por occasião das festas de Maio, foi contractada com a Companhia Typographica do Brasil, antiga casa Laemmert.

Accedendo a solicitações do “Centro,” o sr. dr. Governador do Estado de Santa Catharina resolveu auxiliar a publicação com a quantia de 1.000\$000.

Rodolpho Goudel, o nosso assiduo collaborador, tão conhecido dos leitores da *Revista*, por um lamentavel equivoco de que lhe pedimos milhares de desculpas, não teve, até agora, o seu nome entre os dos nossos auxiliares, na primeira pagina.

Affluencia de materia inhi-be-nos de fazer publicar no presente numero alguns artigos que se acham em nosso poder. Entre elles ha o primeiro de uma serie sobre a lingua portugueza do nosso collaborador C. Marques Leite e *As Nossas Cidades* de N. C.

# GRANDE DEPOSITO E OFFICINA DE MARMORES

— DE —

## J. Emilio Bergmann & C.

Encarregam-se de todo e qualquer trabalho de marmores, monumentos, capellas, anjos, estatuas, fachadas de edificios, balaustradas, escadas, vasos, columnas, altares, pias baptismaes e para agua benta, banheiras, pedras para moveis, etc., etc.

ESCULPTURA, ORNATOS E ARCHITECTURA

FINISSIMO GOSTO EM TRABALHOS PARA SEPULTURAS  
COM PERFEIÇÃO BREVIDADE E PREÇOS RAZOAVEIS

*Mandam vir qualquer encommenda directamente da Europa, fornecem desenhos e incumbem-se de qualquer trabalho para o interior*

### RUA DE S. JOSÉ 77

RIO DE JANEIRO